

AS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO: UM OBJETO MASCARADO? A PROPÓSITO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

Isabelle Bertaux-Wiame ¹

RESUMO

Contrastando com outros mundos sócio-profissionais, o mundo dos Correios parece marcado pela mixidade e pela característica não sexuada de sua concepção de trabalho. Nada parece distinguir uma funcionária de um funcionário, pelo menos no início de sua carreira profissional. Os Correios, serviço público, seria um lugar privilegiado pelo fim da dominação masculina?. A enquete conduzida por entrevistas em aproximadamente uma centena de agentes titulares – nos setores de triagem, distribuição e guichê – mostra que não é tão simples mas que, sem contestar os efeitos estruturantes, o peso das relações sociais de sexo variam no espaço e no tempo. Sublinharemos uma certa intercambialidade das posições homem-mulher, e em uma certa medida, uma suspensão da primazia classicamente atribuída na carreira profissional dos pares masculinos.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Sociais, Trabalho Feminino e Carreiras Profissionais.

ABSTRACT

In contrast with other social-professional environments, the Post Office seems to be a place marked by the miscellany and by its characteristic conception of the work. A female worker can not be distinguished from a male worker, at least at the beginning of the professional ladder. Is the post office, a government institution, a privileged working place where male domination has been abolished? This survey, made from interviews with about one hundred of employees - belonging to the sorting office - shows that this conclusion is not as simple as it seems. However, without questioning the structuring effects, the impact of the social relations between sexes varies within the time and space. We will highlight the exchangeability in the male-female positions and, at a certain point, the abolishment of the privileges that have been given to male workers, in their professional carriers.

KEY WORDS: Social Relations, Female Work and Professional Carriers

¹Doutora em História, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Travail et Mobilités” – Université Paris X – Nanterre.

INTRODUÇÃO

Desde os anos 70, os trabalhos das feministas colocaram em evidência a característica estruturante das relações sociais de sexo no conjunto do social. A segregação horizontal de um duplo mercado de trabalho, um concernente aos homens, outro às mulheres, foi largamente demonstrado. Por outro lado, numerosos estudos em sociologia do trabalho continuam a ocultar esta dimensão sexuada da divisão social do trabalho¹²

Esta ocultação obriga os pesquisadores raciocinando em termos de relação social de sexo a reiterar suas demonstrações – um verdadeiro trabalho de Penélope – para desentocar, tanto no contexto empírico como nas análises que são feitas, as manifestações do domínio masculino que antes podem tomar novas formas.

Mas, afirmar e repetir que as relações sociais de sexo estruturam e atravessam o conjunto do social não conduz a pretender que são exatamente como as mesmas modalidades e a mesma intensidade em todos os lugares e em todo o tempo. Esta variabilidade é que torna a análise mais delicada. De fato, se há a existência de um “telhado de vidro” limitando o progresso das mulheres na hierarquia profissional e a exclusão das mulheres em alguns domínios profissionais são geralmente reconhecidos. São lugares onde os efeitos das relações sociais de sexo são mais difíceis de colocar em evidência, pois são aparentemente neutralizados por um contexto, sempre explícito, de não discriminação. A assimetria homem/mulher aqui não parece ser central.

É o caso de certos setores públicos onde o acesso é igual a homem e mulheres para as mesmas profissões, as mesmas oportunidades de carreira podem fazer parecer como lugares privilegiados da atenuação em via de desaparecimento do domínio masculino. Assim, se define os Correios onde constatamos uma relativa negação da dimensão sexuada através,

² - O teletrabalho efetuado no domicílio dos assalariados oferece um bom exemplo da recusa da segmentação sexuada do mercado de trabalho nos estudos muito orientados em direção à difusão das novas tecnologias. Entretanto, assim como o destaque dos autores como Monique Haicault (1990) ou Michel Lallement (1990), na continuidade de uma análise fina sobre o trabalho tradicional em domicílio, os assalariados podem ser distinguidos da seguinte forma: um reagrupamento dos funcionários majoritariamente masculinos aos horários flexíveis, outro referindo-se ao essencial das mulheres empregadas sujeitas aos horários fixos e às tarefas pertinentes.

principalmente, da total mixidade do espaço de trabalho ocupado pelos agentes da distribuição, triagem e guichês.

Contrastando com outros mundos socioprofissionais, o mundo dos Correios parece fortemente marcado por esta não-segregação de sexo, principalmente na característica não-sexuada do recrutamento de seus agentes. Nada parece distinguir uma funcionária de um funcionário, pelo menos no início de suas trajetórias profissionais. Em que medida as relações sociais de sexo tem, em relação ao trabalho, situações onde parecem menos visíveis e quais pequenas diferenças vão revelar penosas conseqüências entre funcionários e funcionárias?

OS CORREIOS: UM MUNDO DE MIXIDADE?

O mundo dos Correios se apresenta agora como um mundo onde convivem homens e mulheres : na triagem, na distribuição bem como atrás dos guichês, trabalhando homens e mulheres numa evidência que parece ir por si só. A vinculação de sexo não parece como um critério discriminante. A mixidade reina.

De fato, os procedimentos ² de recrutamento e de formação dos agentes titulares do funcionalismo público tem um caráter particularmente igualitário: um concurso único ao nível nacional, a obrigação para todos de passar por um Paris, uma formação idêntica, uma mesma confrontação a um conjunto de regras desenhando uma carreira profissional “comum” e a forte presença de uma mesma aspiração de retornar ao local de origem tanto nos homens quanto nas mulheres. Para os titulares submissos a esta trajetória institucionalizada, nada parece distinguir uma funcionária de um funcionário. Os Correios, serviço público, seria um lugar privilegiado pelo fim da dominação masculina?.

Isto não é tão simples quando sabemos que a igualdade de acesso ao funcionalismo público não é uma garantia de igualdade no desenrolar das trajetórias, principalmente promocionais. Entretanto, subsiste a modalidade idêntica da entrada na profissão com um potencial de igualdade que parece bastante poderosa para ser interrogada e submetida à discussão.

A questão mais geral seria aquela da característica incontornável da consideração da relação social entre os homens e as mulheres para analisar toda situação de trabalho. Há sempre os mesmos graus de pertinência na

compreensão do conjunto das dimensões que constroem as relações de trabalho? É a partir da análise da carreira dos agentes dos Correios, obtidos no decurso das entrevistas mais aprofundadas, que emergem os momentos-chaves onde variam a intensidade e a expressão das relações sociais de sexo, como dimensão constitutiva das posições profissionais.

No âmbito desta pesquisa³ encontramos uma centena de funcionários, homens e mulheres – com tempo de casa diferente, de vários lugares (Paris e outras regiões) e nos três setores – triagem, distribuição e guinche – com os quais temos conduzidos longas entrevistas nos seus lugares de trabalho, mas também, para alguns, em seu domicílio. Também os observamos em suas atividades de trabalho (operações de triagem, os percursos de carteiros e carteiras, observações da agência dos Correios, etc.)

Por esta escolha, o escopo não foi construído conforme as regras visando uma representatividade dos funcionários nos três setores considerados, o objetivo seria menos de generalizar que de deduzir as características da admissão nos Correios e das carreiras profissionais, através do modo que estas mulheres e estes homens vivem a sua condição de funcionários. Entretanto, as regras idênticas que se aplicam ao nível nacional e a origem francesa ou regional (metrópole e colônias), os agentes conferem a nosso escopo uma real homogeneidade e autoriza, além dos efeitos dos lugares e das singularidades próprias a cada itinerário do agente, um certo nível de generalidade.

UM RECRUTAMENTO APARENTEMENTE INDIFERENTE AO SEXO

No recrutamento dos agentes dos Correios, há uma coerência do conjunto onde as modalidades, mais ou menos conhecidas anteriormente, tornam bastante homogêneos a população recrutada. A similaridade do tempo de aprendizagem da atividade postal, qualquer que seja a linha considerada (triagem, guichê, distribuição) acentua ainda o sentimento de

³ - Esta pesquisa feita em colaboração com Danièle Linhart e Aurelie Jeantet, doutoranda, em resposta a um pedido da missão, pesquisa dos Correios, visa compreender os efeitos de transformações profundas que passam os Correios principalmente através do sentido que os funcionários dos Correios dão ao seu trabalho e ao seu pertencimento à instituição. A hipótese subjacente sendo que os comportamentos no trabalho não são independentes nem do vivido fora dos trabalhos nos Correios nem da biografia anterior à entrada nos Correios. As entrevistas levam então, cada vez mais, a situações de trabalho e a trajetórias pessoais.

uma igualdade total entre todos os agentes, sejam eles filhos de funcionários dos Correios ou não.

Os funcionários são recrutados de preferência na região, originários de famílias com rendimentos modestos e a maioria criados no meio rural. As carreiras escolares dos moços e moças não diferem de maneira notável. Mais que a vinculação de sexo, é a evolução da escolaridade que introduz as diferenças de recrutamento entre os candidatos. Os mais antigos entraram nos Correios após Ter obtido uma escolaridade de nível colegial, então as gerações contratadas recentemente tem o colegial completo, às vezes, nível técnico profissionalizante. Suas carreiras escolares são comuns, nem bons nem maus, poucos dentre eles tem um passado escolar valorizante, para alguns, o arrependimento de não Ter se dedicado mais. O caráter generalista dos concursos para o funcionalismo público, onde as provas solicitam um saber mais escolar que profissional, apresenta uma relativa vantagem para os alunos oriundos do colegial completo, onde a presença das mulheres é largamente assegurada. A natureza dos concursos constitui então uma vantagem para as mulheres.

Do ponto de vista dos pais, os Correios não é um horizonte profissional discriminatório em relação ao sexo de seus filhos. A escolha pelos Correios resulta muitas vezes não de um verdadeiro projeto profissional, mas na maioria das vezes de uma escolaridade sem perspectivas. Os meios familiares de onde originam os funcionários encontrados só tem uma confiança limitada na eficácia dos diplomas no mercado de trabalho. Também, as primeiras dificuldades escolares, entretanto ainda pouco decisivas, fazem nascer a dúvida sobre a necessidade de continuar a estudar por mais tempo. As jovens, sensíveis aos argumentos dos pais e pouco atraídas pelos longos estudos, encaram com bom grado uma profissionalização rápida. Entretanto, raros são os jovens que pensam primeiramente nos Correios. Eles pensam, em primeiro lugar, nas profissões que poderiam exercer lá onde vivem: canteiro de obras, comércio de produtos para mercearias para os que habitam em uma região de horticultura, ou ainda as profissões promissoras como a informática ou especializados como os da eletrotécnica. Somente após Ter experimentado as dificuldades do mercado de emprego de sua região que eles se decidem a prestar os concursos públicos, como os dos Correios. As jovens, se dirigem mais voluntariamente para os concursos desde que sua escolaridade lhes permita. Os serviços públicos como atividade de segundo grau, bem como a perspectiva de Ter um emprego garantido pelo estatuto para toda a duração

de sua vida ativa, é um elemento positivamente forte para elas (bem como para seus familiares). Entretanto, o concurso dos Correios é muitas vezes um concurso do serviço público como outro qualquer, suas aspirações priorizam outros setores, como os impostos ou o social.

PARIS, UM DESTINO COMUM

Esta relativa reticência, principalmente pelos jovens, de só fazer os concursos à revelia, a fazer dos Correios uma segunda escolha, se explica em parte pela necessidade de ir à Paris que implica em seu êxito. Mesmo se estes jovens – moças e moços – sabem bem que este trajeto região-Paris faz parte de seu provável horizonte e que, antes mesmo de encarar o serviço público, eles estariam familiarizados com a idéia de uma possível migração, eles não vivem esta fase de admissão na carreira de forma neutra, sem uma mistura de sentimentos contraditórios de atração e de resistência.

De fato, os Correios apesar da falta de mão de obra pede agentes em Paris e região. O trajeto profissional classicamente elaborado consiste em fazer um estágio de aprendizagem em Paris. Depois, em contrapartida dos anos de serviço postal parisiense, o retorno à sua região é possível. No início da carreira, os homens e as mulheres são indiferentemente submetidos, independentemente da idade que são admitidos nos Correios: *“É necessário embarcar para Paris em busca da qualificação ... Bem! Embarcamos”*.

Imposto pela direção, esta obrigação é percebida como arbitrária e não é sempre justificada como uma estratégia de gestão do fluxo de pessoal (a penúria é sensível fora de Paris). Moços e moças declaram ter experimentado uma real dificuldade ao se afastar do seu meio, familiar, amigável, meio ambiente... Entretanto, os moços parecem melhor preparados que as moças para a socialização e as práticas às quais eles serão confrontados (serviço militar, migrações ligadas à procura de emprego...). Aliás, com mais freqüência que suas colegas, os funcionários trazem consigo uma experiência anterior de afastamento do seu meio de origem.

A admissão nos Correios representa então um custo pessoal que representa um papel na construção das vivências posteriores, se traduzindo por uma reivindicação de igualdade na administração das carreiras e no respeito às regras de transferências. Esta exigência estrutura a vida profissional e contribui para fazer dos Correios um meio onde se impõe um

princípio de igualdade, a começar pela igualdade entre os homens e as mulheres.

O INÍCIO DO PERCURSO À IGUALDADE

Chegando em Paris, os funcionários, homens e mulheres, nem sempre conhecem quais as tarefas que irão desempenhar. Por seu lado, esta polivalência entre os sexos subsiste através das atribuições de postos misturando as atividades de homens e das mulheres⁴. Há ainda a considerar, esta polivalência hoje sustentada na palavra de ordem organizacional, não garante um espaço de trabalho verdadeiramente misto. Entretanto, permanece a idéia que a vida de trabalho nos Correios é um lugar de intercambialidade para um conjunto de tarefas que podem ser desempenhadas indiferentemente por mulheres e homens.

Dois elementos a mais contribuem para reduzir as desigualdades entre os homens e as mulheres. A história dos Correios é também uma história de mulheres ativas. Atrás do seu guichê, visível ao grande público, a funcionária pública, dublê de telefonista, tornou-se uma figura insuperável da idéia que se faz dos Correios, mesmo que a imagem desta instituição não se reduza só às suas agências.

O segundo elemento diz respeito as famílias onde se transmitem o status do funcionário. Com esta propensão a procurar, senão uma profissão, ao menos um status no serviço público, se transmite, além da imagem das mulheres tendo uma atividade profissional reconhecida, valorizada, a perspectiva de poder conciliar vida profissional e vida familiar. De fato, os perfis profissionais que propõe os Correios oferecem uma certa compatibilidade com a vida familiar: os horários móveis, o trabalho em equipe, o acúmulo possível das jornadas de trabalho permitem uma organização a priori mais favorável à uma boa conciliação entre os tempos profissionais e os tempos familiares (para os homens e as mulheres).

⁴ - Dois acontecimentos escapam a esta indiferenciação: de uma parte, a indexação monetária manual, que consiste em completar os códigos postais incompletos nas cartas a serem enviadas, é uma tarefa, sempre efetuada por voluntários, quase exclusivamente solicitada às mulheres; e outra, dos ambulantes dos trens postais que representavam no meio postal uma verdadeira casta muito particularizada e que há muito tempo excluiu a presença feminina.

A ENTREGA DE SI⁵: UM CONTRATO DE TROCA MORAL

Qualquer que seja o sexo, a passagem por Paris, longe de representar uma simples fase em sua carreira profissional, consiste em um verdadeiro ritual de iniciação ao qual se dobram os jovens funcionários. Estes funcionários deixam em suas famílias sem grande entusiasmo. Não é por vocação que está lá. Moços e moças conheceram a mesma fase de incertezas quanto a seu futuro, alimentaram outros projetos além do serviço público. As famílias pesam em favor de uma decisão rentável. Ao menor enfraquecimento escolar, é a formação profissionalizante que é considerada, com a perspectiva dos concursos do serviço público em seu conjunto, compreendido pelos filhos dos funcionários: as alfândegas, a polícia para os moços e os impostos, a assistência pública ou a educação para as moças e para todos e todas, os Correios: "*Pegamos o primeiro concurso em que passamos ...e vamos*".

Este custo pessoal da separação é contrabalançado pela idéia permanente do retorno ao local de origem e cada um faz o pedido preenchendo sua ficha de interesses, assim que possível. Se há a entrega de si, há um contrato de confiança com a "casa Correios" garantida pelas regras de mudanças igualitárias do retorno ao local de origem por todos os que desejarem. Este retorno é obtido com maior ou menor facilidade conforme o destino escolhido e conforme o contexto dos Correios. Assim, o sentimento de justiça não se coloca sobre o prazo - ainda que se estabeleça conforme os períodos uma duração "normal" do serviço parisiense além do qual a confiança se dilui - sobre a regularidade dos procedimentos de transferências.

Nesta fase de socialização profissional e neste início de carreira, a entrega faz estes jovens funcionários (e os mais velhos) lhes dispensa - entre a possibilidade dada a todos de preparar os concursos internos, iniciativas pessoais ou de investimentos específicos que, de qualquer maneira, ficariam sem efeito particular sobre o desenvolvimento de suas carreiras.

Quando da "convocação dos Correios", homens e mulheres são confrontados ao mesmo modelo de aprendizagem de valores do serviço

⁵ - Este termo qualifica a atitude global dos "convocados" do serviço postal parisiense dos Correios, transformando sua "casa", caricaturizado, não somente de alimentar o seu trabalho, mas também a sua moradia e o teto. Significa todo o risco do contrato moral que se liga a este momento preciso da carreira do funcionário entre os jovens do interior e os Correios.

público, com situações de trabalho pouco definidas e muitas vezes decepcionantes. A realidade é a garantia de um emprego mas pouca perspectiva de evolução ou de carreira. Paralelamente, o aprendizado de fortes valores ligados aos serviço público, um investimento não menos forte vai se construir na vida privada, além dos coletivos de trabalho e de profissões pouco produtoras de elementos identitários. Homens e mulheres se fecham de maneira idêntica sobre sua vida privada. É neste fechamento que se enraiza uma real igualdade entre os funcionários e as funcionárias. e o desejo de retornar ao local toma todo o seu sentido.

O RETORNO AO LOCAL DE ORIGEM

Funcionários e funcionárias reagem da mesma forma: desde sua chegada à Paris, através desta verdadeira instituição que é a ficha de interesses, eles especificam o local onde eles gostariam de obter a sua transferência. Depois pela sua classificação no quadro de promoções, podem estimar o tempo que lhes falta para obter seu pedido. Estas fichas de interesses guardam a marca da origem sociofamiliar que se traduz por uma dupla clivagem: este que se opõe às crianças das famílias dos funcionários a estes que os tem como herança. Para estes últimos, a admissão nos Correios corresponde a uma real mobilidade social que pode eventualmente bastar a si mesmo. Em contrapartida, os "herdeiros" serão atendidos antes, quando das promoções.

Ora, esta primeira clivagem tem um efeito direto sobre a perspectiva de retorno ao lugar de origem. A cada concurso, a cada subida no quadro, a promoção na tabela de transferências volta a zero. A hesitação é grande entre a perspectiva do retorno ao local de origem e a melhoria da sua posição profissional.

A segunda clivagem que opõe aos rurais, mais numerosos, aos urbanos modula igualmente a esperança de uns e dos outros para com os Correios. As crianças dos meios industrializados, notadamente operários, tem a descobrir de modo muito mais individual as profissões do serviço público em ruptura com o meio de origem, algumas vezes mesmo contra a opinião dos pais. Escolher os Correios implica que eles se afastem dos processos profissionais de reprodução do mundo operário. Em contrapartida, para os oriundos do campo, a orientação em direção aos

ofícios do serviço público é recebida como uma via possível de mobilidade social para o conjunto da comunidade local. De fato, os filhos de agricultores ou de famílias mais rurais ao se tornarem funcionários dos Correios, optam por uma via já trilhada por outros reconhecido por seus familiares, e não rompem com o meio de origem. Ao contrário, é uma opção feita em complementariedade com a vida local e rural, algumas vezes condiciona sua vida futura permitindo deixar a propriedade das terras agrícola a um só herdeiro explorar. Para estes camponeses, não devemos negligenciar o efeito da convocação que vai exercer no meio de origem e reconduzir na região os filhos providos de um emprego. Tanto que este retorno é a marca de um êxito social senão profissional: poder viver na região e estar trabalhando. A partida para Paris seria agora pensada na perspectiva de um contrato implícito entre os Correios e seus agentes: um serviço parisiense temporário contra um direito ao retorno.

Mas, a igualdade no tratamento que reserva os Correios a seus agentes, homens e mulheres vão divergir na sua estratégia face ao dilema do retorno versus promoção. As mulheres, uma vez instaladas em Paris são menos apressadas a partir. Elas ganharam um emprego estável que será difícil de questionar e elas tem a primeira possibilidade de viver na capital. Mesmo se a vida aí não é exatamente fácil, as mulheres, mais que seus colegas masculinos, apreciam as vantagens urbanas, a autonomia conquistada, a descoberta de Paris. Elas não se aborrecem nem mesmo com as acomodações parisienses, sem portanto abandonar a localidade onde elas voltam regularmente nas suas férias.

AS DINÂMICAS DAS TRAJETÓRIAS

O dilema evocado acima, de dar prioridade ao retorno ou favorecer uma promoção profissional, é então antes percebida como a obrigação de fazer as escolhas da vida privada ou da vida profissional, cada uma excluindo o outro. Esta repartição vida privada/vida profissional vai se acentuar por um lado, quando se define a dinâmica das trajetórias. Se fato, se as carreiras profissionais são a priori "neutras" no início da carreira e apresentam traços pouco sexados, não são conjugados da mesma maneira no masculino e feminino, desde que intervenham os fatores familiares de

diferenciação que são discutidos em parceria, a chegada dos filhos ou ainda a escolha de um lugar para morar.

Paris é, ao mesmo tempo, um ponto de encontro. São os solteiros que, na maioria, desembarcam em Paris. Eles chegam em grupo, vindos da mesma região, à vezes no mesmo trem. Não é raro que casais se formem rapidamente, da mesma origem regional ou de uma designação para o mesmo local de trabalho, fatores que contribuem à aproximação. Desde o instante que o casal se constitui, podemos nos perguntar como tratar a pretensa neutralização das relações sociais de sexo que oferece os Correios no campo profissional. Tendo dado a natureza específica dos riscos ligados às dimensões da vida familiar e profissional para os funcionários, podemos perguntar como vai refletir esta igualdade inicial entre homem e mulheres.

A resposta só pode complexa, os elementos de construção das trajetórias variam no espaço e no tempo. Se optem, antes no lugar, o contexto parisiense e o regional. O primeiro favorece a solidariedade conjugal e a procura do equilíbrio da parte dos dois parceiros frente os compromissos profissionais e familiares, enquanto que o segundo reintroduz elementos da divisão entre os sexos, quer sejam profissionais ou familiares.

Uma análise em termos de relação de sexo permite fazer aparecer um *continuum* de situações alimentadas por uma igualdade que funde a relação do casal de funcionários até a reinscrição às vezes brutal de uma assimetria entre os cônjuges tanto profissionais quanto familiares. Nesta perspectiva, podemos observar que os casais, onde os dois são funcionários têm mais igualdade na partilha das tarefas familiares e na busca das carreiras profissionais. Prática igualitária que observamos também entre os casais pertencentes à diferentes administrações que escapam rapidamente nos casais onde funcionários dos Correios tem um cônjuge que trabalho no setor privado⁶.

OS CASAIS ONDE UM DELES É FUNCIONÁRIO DOS CORREIOS

O funcionário ou funcionária dos Correios serão levados a se adaptar aos compromissos profissionais de seu cônjuge. Esta assimetria é facilitada

⁶ - No contexto de nossa pequena pesquisa, não encontramos esposas desempregadas, inclusive nas gerações mais velhas. Mesmo quando a história familiar é contada em duas ou três gerações, as cônjuges são designadas como ativas, a despeito das diferenças de estatuto profissionais notáveis.

pelos horários flexíveis do trabalho dos Correios e por uma organização flexível das equipes, reforçada quando o trabalho é feito em equipes. O que poderia parecer um fator favorável de igualdade entre os cônjuges casados se volta contra o funcionário face aos compromissos considerados menos negociáveis de seu cônjuge.

Isto se refere sobretudo às esposas mas não sistematicamente encontramos os funcionários se adaptando aos horários de suas esposas que trabalham no setor privado. Assim, este funcionário, que a mulher trabalha em uma companhia de seguros, se organiza para cuidar das crianças na volta da escola. Ele descreve seus arranjos (horários, acúmulo de tempo de trabalho, suas licenças, etc.) em uma perspectiva mais "feminina", poderíamos dizer. O fato de ser um "ambulante", setor tido como masculino e não misto por muito tempo, não contradiz com este cuidado da vida familiar expressa no transcorrer da entrevista. É claro que está engajado ao longo da sua vida conjugal, em uma relação tácita de trocas com vistas a manter um duplo equilíbrio, o da carreira de cada um e a vida familiar e profissional. Ser "ambulante" exige uma forte implicação no seu trabalho e ausências de casa, mas permite também acumular dias de licença que podem ser reservadas para a vida familiar. Quando a função de ambulante foi suprimida, este funcionário se reconverteu a maior proximidade das exigências familiares: um local de trabalho perto de seu domicílio, horários compatíveis, um menor investimento na evolução da carreira ... Com risco de perder toda possibilidade de promoção.

Mais clássico e mais freqüente é a figura inversa deste casal onde a jovem esposa resiste a todo comprometimento suplementar arriscando comprometer sua presença em casa e no sustento ativo que traz à carreira de seu marido, responsável pelo suprimento de uma grande área (posto pouco valorizado, mas horários compatíveis, menor comprometimento ...). A flexibilidade apreciada da organização do trabalho dos Correios produz então uma assimetria redobrada, mas clássica, onde o emprego é preservado e o trabalho desvalorizado, onde os horários de trabalho são subordinados às exigências familiares e aos profissionais do marido.

CASAL DE FUNCIONÁRIOS DOS CORREIOS: A HOMOGENEIDADE PROFISSIONAL

Podemos observar que nem o casamento, nem a chegada dos filhos, pelo menos do primeiro, não coloca a igualdade em questão. Ao contrário, a intercambialidade entre cônjuges se reforça no lado profissional como na partilha das tarefas domésticas e se manifesta por uma indiferença prioritária classicamente combinada pela carreira profissional masculina. Elaboram juntos as táticas da vida em alternância conforme as melhores chances de cada um, tal que este casal favorecido pela prioridade da esposa como chefe de equipe para não impedir suas chances de promoção, a classificação obtida pela esposa era mais favorável que a dele: a promoção para a esposa. a imobilidade para o marido, condição de uma transferência geográfica mais rápida. Trata-se menos de uma maximização dos recursos individuais que faria objeto de negociações conjugais que a real aplicação de um princípio de equivalência entre os dois.

Para compreender a solidez destes comportamentos igualitários, dois elementos são considerados. Um é a necessária solidariedade conjugal de viver o melhor possível este "exílio parisiense", imposto pelo seu empregador. Compreendido no caso onde a chegada à Paris é sempre sentido como uma ruptura da relação entre ambiente familiar e familiar. Esta procura da solidariedade - "a gente agüenta" - entre funcionários públicos recentemente desembarcados, vai se traduzir em uma solidariedade conjugal do tipo igualitário nos jovens casais. Outra dimensão desta solidariedade é a vontade de retornar ao local de origem. A escolha do local da transferência resulta, muitas vezes, de um compromisso conjugal pois, para ser funcionários dos Correios, não são forçosamente originários da mesma região. Este risco do direito à transferência que é determinante para compreender os interesses e comportamentos dos funcionários no trabalho se inscreve no campo profissional em estreita ligação com suas aspirações da vida privada e se apoia sobre a capacidade de acumular horas de trabalho contra as horas "em casa" e a respeitar aquele que no casal é "melhor colocado" na tabela das transferências. Quer dizer, a se posicionar profissionalmente em função de ajustamentos familiares e de investimentos geográficos particulares. Este relativo imobilismo profissional permite que seja aceito e colocado a não-concorrência entre homens e mulheres. Dura tanto quanto o projeto de retorno à região de origem subsiste e é possível

crer na sua realização. Entretanto, a situação se eterniza, os funcionários do interior acabam por se instalar na região parisiense, o que não acontece forçosamente sem incidência sobre o equilíbrio mantido até então.

O RETORNO AO "LOCAL DE ORIGEM" NÃO É MAIS UMA PRIORIDADE

Pouco a pouco, a idéia de retornar se afasta ou deixa de ser prioritária, seja porque a decisão é de ficar em Paris, seja porque a transferência se retarda demais.

O casal abandona a idéia de voltar, muitas vezes, na perspectiva de um retorno que coincida com o momento da aposentadoria. O abandono do projeto de voltar pode fazer ressurgir desigualdades entre cônjuges. Os casais de funcionários, que são os "emigrados dom interior" tornados parisiense, evoluem em direção a uma dinâmica clássica de assimetria conjugal e profissional a medida que se afirma a formação da família. São então repensadas as carreiras profissionais de cada um em função da nova situação. Pronto a ficar em Paris - quer dizer a renunciar ao lugar de vida sonhado - então se instala definitivamente, reconsiderar o futuro profissional sob um outro ângulo e pensar em ampliar a vida familiar. É a escolha do casal que os cônjuges estavam então desejando muito a transferência que transformaram esta fase transitória, em instalação parisiense quase definitiva, frente a uma transferência muito problemática. Eles "redescobriram" as oportunidades de melhoria de sua situação profissional onde o marido beneficia-se passando nos concursos, sua esposa considerando - desde que o problema da moradia seja resolvido - de se colocar em período parcial para se ocupar de seus filhos. Esta jovem mulher fica portanto muito ligada a uma carreira profissional, fortemente sensibilizada pela carreira profissional meio caótica de sua mãe que, para seguir seu marido nas mudanças recebidas pelos Correios, não pode conduzir a sua própria carreira. Consciente que seu estatuto lhe permite uma escolha sem risco, ela se sente diminuída profissionalmente pois ela continua a esperar sua progressão.

Carreira de imediato para ele, tempo parcial familiar para ela, se a assimetria se vê entretanto de modo sutil graças as práticas estatutária, a validade da intercambialidade no casal que observa então que estão em

situação de "exílio postal" (ou em uma outra grande cidade) cessa, se for necessário abandonar o retorno. Atenuado, se os cônjuges tem a mesma posição profissional, a diferença aumenta mais rapidamente quando o marido exerce uma profissão com qualificações técnicas mais objetivas nos Correios ou no mercado. A prioridade da carreira masculina se impõe então sem contestação.

O RETORNO A "REGIÃO DE ORIGEM" É CONQUISTADA

Na hipótese da transferência se fazer na região de origem de um dos cônjuges, hipótese que se verifica de maneira recorrente, voltar a região consiste também em se reinscrever na trama social familiar. Trata-se de retomar um lugar, quase sempre "seu" lugar, que a dimensão sexuada não é o menor dos discriminantes, particularmente nos meios rurais de interconhecimentos. Este contexto fragiliza então a relação das mulheres com seu trabalho e a sua carreira. Entretanto, dois freios limitam os efeitos assimétricos do retorno segundo o sexo.

Em primeiro lugar, as mulheres, sobre quem repousa a conciliação vida familiar/vida profissional, que podem beneficiar-se de uma presença familiar, principalmente para os filhos, que lhe permite lidar melhor com os compromissos profissionais sem buscar sistematicamente os horários conciliáveis com a vida familiar (por ex., o compromisso dos horários muito cedo ou ainda um serviço noturno de triagem). A solidariedade conjugal que existia em Paris se desloca para uma solidariedade familiar mais ampliada.

Depois, a ausência da promoção masculina em algumas regiões, autoriza o desenvolvimento de estratégias profissionais femininas que se traduzem muitas vezes por uma promoção nas agências.

Entretanto, a arbitragem conjugal não é assim tão fácil de realizar. Esta "remunerada" pelos Correios, após se ocupar só de uma agência em uma pequena cidade durante vários anos, gostaria de ampliar sua experiência para progredir na carreira. Duas possibilidades se abrem: aceitar a responsabilidade por uma agência de maior importância ou trabalhar em outro nível nas instâncias de direção departamental ou regional. Escolhas que levariam necessariamente a mudança de domicílio, como risco de cobrir trajetórias consideráveis em estradas ruins. Sua carreira parece por um instante bloqueada pela do seu marido, o carteiro. Após ter passado dez anos

em Paris, este último está muito ligado a esta região de caça e pesca e pensa levar o modo de vida sempre agradável e compartilhar com a família. Para este homem do campo, a atividade de carteiro rural corresponde de fato às suas orientações: autonomia, relacionamento, trabalho no campo, tempo disponível para as atividades de sua preferência, individuais ou mais coletivas.

Inexistindo no lugar a possibilidade de promoção teria, por efeito, obrigá-lo a partir. Ele continua então a dar prioridade à qualidade de vida em detrimento de sua própria carreira mas também a da sua esposa.

EM CONCLUSÃO

Se eles estruturam fortemente o mundo social, os efeitos das relações sociais de sexo variam conforme as configurações específicas, conforme os diferentes momentos das trajetórias e diferentes lugares. A Análise destas configurações conduz a retomar as relações sociais de sexo em uma dinâmica de conjunto, onde não são somente as mulheres que estão presas aos processos de diferenciação sexual, mas também os homens. O que definiu uma relação social, é justamente que cada elemento da relação é independente do outro. A trajetória dos funcionários dos Correios (em se tratando de sua realização concreta ou das representações que eles possam ter) é necessariamente marcada por sua proximidade com a das funcionárias. Três elementos se conjugam aqui: a neutralização explícita da diferença sexual, a importância da articulação escolha pessoal/escolha profissional e a forte homogeneidade dos casais.

Um acesso igualitário à profissão, as perspectivas de progresso que se mostram "indiferentes" ao sexo podem conduzir as mulheres e os homens - e é sobretudo interessante para estes últimos - a se afastar, a ter um certo recuo em relação aos estereótipos do que é uma carreira conforme o sexo. Assim, pode-se explicar a atitude do funcionário que "agarra-se a seu posto de carteiro" e resiste a algumas oportunidades de promoção, que uma atitude "viril" exigiria apoderar-se, colocando de fato em questão as relações sociais de sexo como efeito dominante. Esta capacidade de não fazer os valores de recrutamento reputados como masculinos e femininos de maneira definitiva encontrou sua âncora na forte imbricação trabalho/hora trabalhada e na procura de um equilíbrio satisfatório entre investimento pessoal e

envolvimento no serviço público. - estabilidade de emprego, sentimento de saber quais são as reais perspectivas de desenvolvimento da carreira (com seus limites e benefícios) - autorizam uma atitude mais distanciada frente aos valores tradicionais da realização social. Enfim, a forte homogeneidade encontrada nos casais de funcionários se constrói desde a origem, mas se reafirma eventualmente ao longo da trajetória profissional. O interesse do casal pode favorecer, em alguns momentos, a carreira da esposa, mesmo se esta prioridade seja só temporária e que ela se inscreve nas perspectivas preservando a termo aquela da esposa. Este conjunto de elementos vai no sentido de uma menor submissão da relação à construção normativa dos papéis, reflete as interações assimétricas das trajetórias dos cônjuges e mais amplamente repousa na questão da dominação masculina.